

O PAIZ DAS CHIMERAS.

CONTO FANTASTICO.

Arrepêndêra-se Catão de haver ido algumas vezes por mar quando podia ir por terra. O virtuoso romano tinha razão. Os carinhos de Amphitrite são um tanto raivosos, e muitas vezes funestos. Os feitos maritimos dobram de valia por esta circumstancia, e é tambem por esta circumstancia que se esquivam de navegar as almas pacatas, ou para fallar mais decentemente, os espiritos prudentes e seguros.

Mas para justificar o provérbio que diz: — debaixo dos pés se levantam os trabalhos — a via terrestre não é absolutamente mais segura que a via maritima, e a historia dos caminhos de ferro, pequena embora, conta já não poucos e tristes episodios.

Absorto nestas e n'outras reflexões estava o meu amigo Tito, poeta aos vinte annos, sem dinheiro e sem bigode, sentado á mesa carunchosa do trabalho, onde ardia silenciosamente uma vela.

Devo proceder ao retrato physico e moral do meu amigo Tito.

Tito não é nem alto, nem baixo, o que equivale a dizer que é de estatura mediana, a qual estatura é aquella que se póde chamar francamente elegante, na minha opinião. Possuindo um semblante angelico, uns olhos meigos e profundos, o nariz descendente legitimo e directo do de Alcibiades, a boca graciosa, a fronte larga como o verdadeiro throno do pensamento, Tito póde servir de modello á pintura e de objecto amado aos corações de quinze e mesmo de vinte annos.

Como as medalhas, e como todas as cousas deste mundo de compensações, Tito tem um reverso. Oh! triste cousa que é o reverso das medalhas! Podendo ser, do collo para cima, modello á pintura, Tito é uma lastimosa pessoa no que toca ao resto. Pés prodigiosamente tortos, pernas zaimbras, taes são os contras que a pessoa

do meu amigo offerece a quem se extasia diante dos magnificos prós da cara e da cabeça. Parece que a natureza se dividira para dar a Tito o que tinha de melhor e o que tinha de peor, e pôl-o na miseravel e desconsoladora condição do pavão que se enfeita e contempla radioso; mas cujo orgulho se abate e desfallece quando olha para as pernas e para os pés.

No moral Tito apresenta o mesmo aspecto duplo do physico. Não tem vícios, mas tem fraquezas de character que quebram, um tanto ou quanto, as virtudes que o ennobrecem. E' bom e tem a virtude evangelica da caridade; sabe, como o divino Mestre, partir o pão da subsistencia e dar de comer ao faminto com verdadeiro jubilo de consciencia e de coração. Não consta, além disso, que jámais fizesse mal ao mais impertinente bicho, ou ao mais insolente homem, duas cousas identicas, nos curtos dias da sua vida. Pelo contrario, conta-se que a sua piedade e bons instinctos o levaram uma vez a ficar quasi esmagado, procurando salvar da morte uma galga que dormia na rua, e sobre a qual ia quasi quasi passando um carro. A galga salva por Tito affeição-se-lhe tanto que nunca mais o deixou; á hora em que o vemos absorto em pensamentos vagos está ella estendida sobre a mesa a contemplal-o grave e sisuda.

Só ha que censurar em Tito as fraquezas de character, e deve-se crer que ellas são filhas mesmo das suas virtudes. Tito vendia outr'ra as produções da sua musa, não por meio de uma permuta legitima de livro e moeda, mas por um meio deshonoroso e nada digno de um filho de Apollo. As vendas que fazia eram absolutas, isto é, trocando por dinheiro os seus versos, o poeta perdia o direito de paternidade sobre essas produções. Só tinha um freguez; era um sujeito rico, maniaco pela fama de poeta, e que sabendo da facilidade com que Tito rimava apresentou-se um dia no modesto albergue do poeta e entabolou a negociação por estes termos?

— Meu caro, venho propor-lhe um negocio da China....

— Póde fallar, respondeo Tito.

— Ouvi dizer que você fazia versos... E' verdade?

Tito conteve-se a custo diante da familiaridade do tratamento, e respondeo:

— E' verdade.

— Muito bem. Proponho-lhe o seguinte. Compro-lhe por bom preço todos os seus versos, não os feitos, mas os que fizer de hoje em diante, com a condição de que os heide dar á estampa como obra da minha lavra. Não ponho outras condições ao negocio: advirto-lhe, porém, que prefiro as odes e as poesias de sentimento. Quer?

Quando o sujeito acabou de fallar, Tito levantou-se, e com um gesto mandou-o sahir. O sujeito presentiu que, se não sahisse logo, as cousas poderiam acabar mal. Preferiu tomar o caminho da porta, dizendo entre dentes. « Has de procurar-me, deixa estar ! »

O meu poeta esqueceu no dia seguinte a aventura da vespera, mas os dias passaram-se e as necessidades urgentes apresentaram-se á porta com o olhar supplicante e as mãos ameaçadoras. Elle não tinha recursos ; depois de uma noite atribulada lembrou-se do sujeito, e tratou de procura-lo ; disse-lhe quem era, e que estava disposto a aceitar o negocio ; o sujeito, rindo-se com um riso diabolico, fez o primeiro adiantamento, sob a condição de que o poeta lhe levaria no dia seguinte uma ode aos Polacos. Tito passou a noite a arregimentar palavras sem idéas, tal era o seu estado, e no dia seguinte levou a obra ao freguez, que a achou boa e dignou-se apertar-lhe a mão.

Tal é a face moral de Tito. A virtude de ser *pagador em dia* levava-o a mercar com os dons de Deus ; e ainda assim vemos nós que elle resistiu, e só foi vencido quando se achou com a corda ao pescoço.

A mesa á qual Tito estava encostado era um traste velho e de lavôr antigo ; herdára-a de uma tia que lhe havia morrido faziam dez annos. Um tinteiro de osso, uma penna de ave, algum papel, eis os instrumentos de trabalho de Tito. Duas cadeiras e uma cama completavam a sua mobilia. Já fallei na vela e na galga.

A' hora em que Tito se ençolfava em reflexões e fantasias era noite alta. A chuva cahia com violencia, e os relampagos que de instante a instante rompiam o céu deixavam ver o horisonte pejado de nuvens negras e tumidas. Tito nada via, porque estava com a cabeça encostada nos braços, e estes sobre a mesa ; e é provavel que nada ouvisse porque se entretinha em reflectir nos perigos que offerecem os differentes modos de viajar.

Mas qual o motivo destes pensamentos em que se engolfava o poeta ? E' isso que eu vou explicar á legitima curiosidade dos leitores. Tito, como todos os homens de vinte annos, poetas e não poetas, sentia-se affectado da doença do amor. Uns olhos pretos, um porte senhoril, uma visão, uma creatura celestial, qualquer cousa por este theor, havia influido por tal modo no coração de Tito, que o puzera, póde-se dizer, á beira da sepultura. O amor em Tito começou por uma febre ; esteve tres dias de cama, e foi curado (da febre e não do amor) por uma velha da visinhança, que conhecia o segredo das plantas virtuosas, e que pôz o meu poeta de pé, com o que adquiriu mais um titulo á reputação de feiticeira, que os seus milagrosos curativos lhe haviam grangeado.

Passado o periodo agudo da doença, ficou-lhe esse resto de amor, que, apesar da calma e da placidez, nada perde da sua intensidade. Tito estava ardentemente apaixonado, e desde então começou a defraudar o freguez das odes, subtrahindo-lhe algumas estrophes inflammadas, que dedicava ao objecto dos seus intimos pensamentos, tal qual como aquelle Sr. d'Ofayel, dos *amores leaes e pudicos*, com quem se pareceu, não na semsaboria dos versos, mas no infortunio amoroso.

O amor contrariado, quando não leva a um desdem sublime da parte do coração, leva á tragedia ou á asneira. Era nesta alternativa que se debatia o espirito do meu poeta. Depois de haver gasto em vão o latim das musas, aventurou uma declaração oral á dama dos seus pensamentos. Esta ouviu-o com dureza d'alma, e quando elle acabou de fallar disse-lhe que era melhor voltar á vida real, e deixar musas e amores, para cuidar do alinho da propria pessoa. Não presuma o leitor que a dama de quem lhe fallo tinha a vida tão desenvolta como a lingua. Era, pelo contrario, um modelo da mais seraphica pureza e do mais perfeito recato de costumes: recebêra a educação austera de seu pae, antigo capitão de milicias, homem de incrível boa fé, que, neste seculo desabusado, ainda acreditava em duas cousas: nos programmas politicos e nas cebolas do Egypto.

Desenganado de uma vez nas suas pretensões, Tito não teve força de animo para varrer da memoria a filha do militar; e a resposta crua e despiedada da moça estava-lhe no coração como um punhal frio e penetrante. Tentou arranca-lo, mas a lembrança, viva sempre, com ara de Vesta, trazia-lhe as fataes palavras ao meio das suas horas mais alegres ou menos tristes da sua vida, como aviso de que a sua satisfação não podia durar e que a tristeza era o fundo real dos seus dias. Era assim que os egypcios mandavam pôr um sarco-phago no meio de um festim, como lembrança de que a vida é transitoria, e que só na sepultura existe a grande e eterna verdade.

Quando, depois de voltar a si, Tito conseguiu encadear duas idéas e tirar dellas uma consequencia, dous projectos se lhe apresentaram, qual mais proprio a grangear-lhe a viltade pusilanime; um concluia pela tragedia, outro pela asneira; triste alternativa dos corações não comprehendidos! O primeiro desses projectos era simplesmente deixar este mundo; o outro, limitava-se a uma viagem, que o poeta faria por mar ou por terra, afim de deixar por algum tempo a capital. Já o poeta abandonava o primeiro por achal-o sanguinolento e definitivo; o segundo parecia-lhe melhor, mais consentaneo com a sua dignidade e sobre tudo com os seus instinctos de conservação. Mas

qual o meio de mudar de sitio? Tomaria por terra? tomaria por mar? Qualquer destes dous meios tinham seus inconvenientes. Estava o poeta nestas averiguações, quando ouviu que batiam á porta tres pancadinhas. Quem seria? Quem poderia ir procurar o poeta aquella hora? Lembrou-se que tinha umas encommendas do homem das odes e foi abrir a porta disposto a ouvir resignado a muito plausivel sarabanda que elle lhe vinha naturalmente pregar. Mas, ó pasmo! mal o poeta abriu a porta, eis que uma sylphide, uma creatura celestial, vaporosa, fantastica, trajando vestes alvas, nem bem de panno, nem bem de nevoas, uma cousa entre as duas especies, pés aligeros, rosto sereno e insinuante, olhos negros e scintillantes, cachos louros do mais leve e delicado cabello, a cahirem lhe graciosos pelas espaldas nús, divinas, como as tuas, ó Aphrodita; eis que uma creatura assim invade o aposento do poeta e estendendo a mão ordena-lhe que feche a porta e tome assento á mesa.

Tito estava assombrado. Machinalmente voltou ao seu lugar sem tirar os olhos da visão. Esta sentou-se defronte d'elle e começou a brincar com a galga que dava mostras de não usado contentamento. Passaram-se nisto dez minutos; depois do que a peregrina singular creatura, cravando os seus olhos nos do poeta, perguntou-lhe com uma doçura de voz nunca ouvida:

— Em que pensas, poeta? Pranteas algum amor mal parado? Soffres com a injustiça dos homens? Doe-te a desgraça alheia ou é a propria que te sombrêa a fronte?

Esta indagação era feita de um modo tão insinuante que Tito sem inquirir o motivo da curiosidade, respondeu immediatamente:

— Penso na injustiça de Deus.

— E' contradictoria a expressão; Deus é a justiça.

— Não é. Se fosse teria repartido irmãmente a ternura pelos corações e não consentiria que um ardesse inutilmente pelo outro. O phenomeno da sympathia devia ser sempre reciproco, de maneira que a mulher não pudesse olhar com frieza para o homem, quando o homem levantasse olhos de amor para ella.

— Não és tu quem falla, poeta. E' o teu amor proprio ferido pela má paga do teu affecto. Mas de que te servem as musas? Ainda não vieram a ti, como eternas consoladoras que são? Entra no santuario da poesia, engolfa-te no seio da inspiração, esquecerás ahi a dôr da chaga que o mundo te abriu.

— Coitado de mim, respondeu o poeta, que tenho a poesia fria, e apagada a inspiração!

— De que precisas tu para dar vida á poesia e á inspiração?

— Preciso do que me falta... e falta-me tudo.

— Tudo? E' exagerado. Tens o sello com que Deus te distinguio dos outros homens e isso te basta. Scismavas em deixar esta terra?

— E' verdade.

— Bem ; venho a proposito. Queres ir commigo?

— Para onde?

— Que importa? Queres vir?

— Quero. Assim me distrahirei. Partiremos amanhã. E' por mar, ou por terra?

— Nem amanhã, nem por mar, nem por terra; mas hoje, e pelo ar. Tito levantou-se e recuou. A visão levantou-se tambem.

— Tens medo? perguntou ella.

— Medo, não, mas...

— Vamos. Faremos uma deliciosa viagem.

— Vamos.

Não sei se Tito esperava um balão para a viagem aerea a que o convidava a inesperada visita; mas, o que é certo, é que os seus olhos se arregalaram prodigiosamente quando vio abrirem-se das espaduas da visão duas longas e brancas azas que ella começou a agitar e das quaes cahia uma poeira de ouro.

— Vamos, disse a visão. Tito repetiu machinalmente:— Vamos ! E ella tomou-o nos braços, subiu com elle até o tecto que se rasgou, e passaram ambos, visão e poeta. A tempestade tinha, como por encanto, cessado; estava o céu limpo, transparente, luminoso, verdadeiramente *celeste* emfim. As estrellas fulgiam com a sua melhor luz, e um luar branco e poetico cahia sobre os telhados das casas e sobre as flôres e a relva dos campos.

Os dous subiram.

Durou a ascensão algum tempo. Tito não podia pensar; ia atordado e subia sem saber para onde, nem a razão porque. Sentia que o vento agitava os cabellos louros da visão, e que elles lhe batiam docemente na face, do que resultava uma exalação celeste que embriagava e adormecia. O ar estava puro e fresco. Tito, que havia distrahido algum tempo da occupação das musas no estudo das leis physicas, contava que naquelle subir continuado breve chegariam a sentir os effeitos da rarefação da atmosphaera. Engano d'elle ! Subiam sempre, e muito, mas a atmosphaera conservava-se sempre a mesma e quanto mais elle subia, melhor respirava.

Isto passou rapido pela mente do poeta. Como disse, elle não pensava; ia subindo sem olhar para a terra. E para que olharia para a terra? A visão não podia conduzi-lo senão ao céu.

Em breve começou Tito a ver os planetas fronte por fronte. Era já sobre a madrugada. Venus mais pallida e loura que de costume, offuscava as estrellas com o seu clarão e com a sua belleza. Tito teve um olhar de admiração para a deusa da manhã. Mas subia, subiam sempre. Os planetas passavam á ilharga do poeta como se foram corceis desenfreados. A final penetraram em uma região, inteiramente diversa das que haviam atravessado naquella assombrosa viagem. Tito sentiu expandir-se-lhe a alma na nova atmosphaera. Seria aquillo o céu? O poeta não ousava perguntar, e mudo esperava o termo da viagem. A' proporção que penetravam nessa região ia-se a alma do poeta rompendo em jubilo; dahi a algum tempo entravam em um planeta; a fada depôz o poeta, e começaram a fazer o trajecto a pé.

Caminhando, os objectos, até então vistos atravez de um nevoeiro, tomavam aspecto de cousas reaes. Tito pôde ver então que se achava em uma nova terra, a todos os respeitos estranha; o primeiro aspecto vencia ao que offerece a poetica Stambul ou a poetica Napoles. Mais entravam, porém, mais os objectos tomavam o aspecto da realidade. Assim chegaram á grande praça onde estavam construidos os reaes paços. A habitação régia era, por assim dizer, uma reunião de todas as ordens architectonicas, sem excluir a chinesa, sendo de notar que esta ultima fazia não mediana despeza na structura do palacio.

Tito quiz sahir da ancia em que estava por saber em que paiz acabava de entrar, e aventurou uma pergunta á sua companheira.

— Estamos no paiz das Chimeras, respondeu ella.

— No paiz das Chimeras?

— Das Chimeras. Paiz para onde viaja tres quartas partes do genero humano, mas que não se acha consignado nas taboas da sciencia.

Tito contentou-se com a explicação. Mas refletiu sobre o caso. Porque motivo iria parar alli? A que era levado? Estava nisto quando a fada o advertiu de que eram chegados á porta do palacio. No vestibulo haviam uns vinte ou trinta soldados que fumavam em grossos cachimbos de escuma do mar, e que se embriagavam, como outros tantos padichahs, na contemplação dos novellos de fumo azul e branco que lhes saham da bocca. A' entrada dos dous houve continencia militar. Subiram pela grande escadaria, e foram ter aos andares superiores.

— Vamos fallar aos soberanos, disse a companheira do poeta. Atravessaram muitas salas e galerias. Todas as paredes, como no poema de Diniz, eram forradas *de papel prateado e lantejoilas*.

A final penetraram na grande sala. O *genio das bagatellas*, de que falla Elpino, estava sentado em um throno de casquinha, tendo de ornamento dous pavões, um de cada lado. O proprio soberano tinha por coifa um pavão vivo, atado pelos pés, a uma especie de solidéo, maior que o dos nossos padres, o qual por sua vez ficava firme na cabeça por meio de duas largas fitas amarellas, que vinham atar-se debaixo dos reaes queixos. Coifa identica adornava a cabeça dos genios da côrte, que correspondem aos viscondes deste mundo e que cercavam o throno do brilhante rei. Todos aquelles pavões, de minuto a minuto armavam-se, *apavoneavam-se*, e davam os guinchos do costume.

Quando Tito entrou na grande sala pela mão da visão, houve um murmurio entre os fidalgos chimericos. A visão declarou que ia apresentar um filho da terra. Seguiu-se a cerimonia da apresentação, que era uma enfiada de cortezias, passagens e outras cousas chimericas, sem excluir a formalidade do beija-mão. Não se pense que Tito foi o unico a beijar a mão do genio soberano; todos os genios presentes fizeram o mesmo, porque, segundo Tito ouviu depois, não se dá na terra paiz o acto mais insignificante sem que esta formalidade seja preenchida.

Depois da cerimonia da apresentação perguntou o soberano ao poeta que tratamento tinha na terra para dar-se-lhe cicerone correspondente.

— Eu, disse Tito, tenho, se tanto, uma triste Mercê.

— Só isso? Pois ha de ter o desprazer de ser acompanhado pelo cicerone commum. Nós temos cá a Senhoria, a Excellencia, a Grandeza, e outras mais; mas quanto á Mercê, essa tendo habitado algum tempo este paiz, tornou-se tão pouco util que julguei melhor despedil-a.

A este tempo a Senhoria e a Excellencia, duas creaturas imper-tigadas, que se haviam approximado do poeta, voltaram-lhe as costas, encolhendo os hombros e deitando-lhe um olhar de travez com a maior expressão de desdem e pouco caso.

Tito quiz perguntar á sua companheira o motivo deste acto daquellas duas chimericas pessoas; mas a visão puxou-lhe pelo braço, e fez-lhe ver com um gesto que estava desattendendo ao Genio das bagatellas, cujos sobr'olhos se contrahiram, como dizem os poetas antigos, que se contrahiam os de Jupiter Tonante.

Neste momento entrou um bando de moçoilas frescas, lepidas, bonitas e louras.... oh! mas de um louro que se não conhece entre nós, os filhos da terra! Entraram ellas a correr, com a agi-

lidade de andorinhas que vôam; e depois de apertarem galhofeiramente a mão aos genios da côrte foram ao Genio soberano, diante de quem fizeram umas dez ou doze *mesuras*.

Quem eram aquellas *raparigas*? O meu poeta estava de boca aberta. Indagou da sua guia, e soube. Eram as Utopias e as Chimeras que iam da terra, onde haviam passado a noite na companhia de alguns homens e mulheres de todas as idades e condições.

As Utopias e as Chimeras foram festejadas pelo soberano, que se dignou sorrir-lhes e bater-lhes na face. Ellas alegres e risonhas receberam os carinhos reaes como cousa que lhes era devida; e depois de dez ou doze *mesuras*, repetição das anteriores, foram-se da sala, não sem abraçarem ou beliscarem o meu poeta, que olhava espantado para ellas sem saber por que se tornára objecto de tanta jovialidade. O seu espanto crescia de ponto quando ouvia a cada uma dellas esta expressão muito usada nos bailes de mascarar: Eu te conheço!

Depois que sahiram todas, o Genio fez um signal, e toda a attenção concentrou-se no soberano a ver o que ia sahir-lhe dos labios. A expectativa foi burlada, porque o gracioso soberano apenas com um gesto indicou ao cicerone commum o misero hospede que daqui tinha ido. Seguiu-se a cerimonia da sahida, que durou longos minutos, em virtude das *mesuras*, cortezias e beija-mão do estylo.

Os tres, o poeta, a fada conductora e o ciceroni passaram á sala da rainha. A real senhora era uma pessoa digna de attenção a todos os respeitos; era imponente e graciosa; trajava vestido de gaze e roupa da mesma fazenda, borzeguins de setim alvo, pedras finas de todas as especies e côres, nos braços, no pescoço e na cabeça; na cara trazia posturas finissimas, e com tal arte, que parecia haver sido córada pelo pincel da natureza; dos cabellos recendiam activos cosmeticos e delicados oleos.

Tito não disfarçou a impressão que lhe causava um todo assim. Voltou-se para a companheira de viagem e perguntou como se chamava aquella deusa.

— Não a vê? respondeu a fada; não vê as trezentas *raparigas* que trabalham em torno della? Pois então? é a Moda, cercada de suas *trezentas bellas, caprichosas filhas*.

A estas palavras Tito lembrou-se do *Hyssope*. Não duvidava já de que estava no paiz das chimeras; mas, raciocinou elle, para que Diniz fallasse de algumas destas cousas é preciso que cá tivesse vindo, e voltasse como está averiguado. Portanto, não devo receiar de cá ficar morando eternamente. Descançado por este lado, passou

a attentar para os trabalhos das companheiras da rainha; eram umas novas modas que se estavam arranjando para vir a este mundo substituir as antigas.

Houve apresentação com o ceremonial do estylo. Tito estremeceu quando pousou os labios na mão fina e macia da soberana; esta não reparou, porque tinha na mão esquerda um *psyché*, onde se mirava de momento em momento.

Impetraram os tres licença para continuar a visita do palacio e seguiram pelas galerias e sallas do palacio. Cada salla era occupada por um grupo de pessoas, homens ou mulheres, algumas vezes mulheres e homens, que se occupavam nos differentes mysteres de que estavam incumbidos pela lei do paiz, ou por ordem arbitraria do soberano. Tito percorria essas diversas sallas com o olhar espantado, extranhando o que via, aquellas occupaões, aquelles costumes, aquelles caracteres. Em uma das sallas um grupo de cem pessoas occupava-se em adelgaçar uma massa branca, leve e balofa. Naturalmente este lugar é a ucharia, pensou Tito; estão preparando alguma iguaria singular para o almoço do rei. Indagou do ciceroni se havia acertado. O cicerone respondeu:

— Não, senhor; estes homens estão occupados em preparar massa cerebral para um certo numero de homens de todas as classes, estadistas, poetas, namorados, etc; serve tambem a mulheres. Esta massa é especialmente para aquelles que no seu planeta vivem com verdadeiras disposições do nosso paiz, aos quaes fazemos presente deste elemento constitutivo.

— E' massa chimerica?

— Da melhor que se ha visto até hoje.

— Póde ver-se?

O cicerone sorrio-se; chamou o chefe da salla, a quem pediu um pouco de massa. Este foi com promptidão ao deposito e tirou uma porção que entregou a Tito. Mal o poeta a tomou das mãos do chefe desfez-se a massa como se fôra composta de fumo. Tito ficou confuso; mas o chefe batendo-lhe no hombro:

— Vá descançado, disse; nós temos á mão materia prima; é da nossa propria atmosphaera que nos servimos; e a nossa atmosphaera não se exgota.

Este chefe tinha uma cara insinuante, mas, como todos os chimericos, era sugeito a abstracções, de modo que Tito não pôde arrancar-lhe mais uma palavra, porque elle ao dizer as ultimas começou a olhar para o ar e a contemplar o vôo de uma mosca.

Este caso attrahio os companheiros que se chegaram a elle e mergulharam-se todos na contemplação do alado insecto.

Os tres continuaram caminho.

Mais adiante era uma sala onde muitos chimericos, á roda de mesas, discutiam os differentes modos de inspirar aos diplomatas e directores deste nosso mundo os pretextos para encher o tempo e apavorar os espiritos com futilidades e espantalhos. Esses homens tinham ares de finos e expertos. Havia ordem do soberano para não entrar naquella sala em horas de trabalho; uma guarda estava á porta. A menor distracção daquelle congresso seria considerada uma calamidade publica.

Andou o meu poeta de sala em sala, de galeria em galeria, aqui, visitando um muséo, alli, um trabalho ou um jogo; teve tempo de ver tudo, de tudo examinar, com attenção e pelo miudo. Ao passar pela grande galeria que dava para a praça, viu que o povo, reunido em baixo das janellas, cercava uma forca. Era uma execução que ia ter lugar. Crime de morte? perguntou Tito, que tinha a nossa legislação na cabeça. Não, responderam-lhe, crime de lesa-cortezia. Era um chimérico que havia commettido o crime de não fazer a tempo e com graça uma continencia; este crime é considerado naquella paiz como a maior audacia possivel e imaginavel. O povo chimérico contemplou a execução como se assistisse a um espectáculo de saltimbancos, entre applausos e gritos de prazer.

Entretanto era a hora do almoço real. A' mesa do genio soberano só se sentavam o rei, a rainha, dous ministros, um medico, e a encantadora fada que havia levado o meu poeta áquellas alturas. A fada, antes de sentar-se á mesa, implorou do rei a mercê de admittir Tito ao almoço; a resposta foi affirmativa; Tito tomou assento. O almoço foi o mais succinto e rapido que é possivel imaginar. Durou alguns segundos, depois do que todos se levantaram, e abriu-se mesa para o jogo das reaes pessoas; Tito foi assistir ao jogo; em roda da sala haviam cadeiras onde estavam sentadas as Utopias e as Chimeras; ás costas dessas cadeiras impertigaram-se os fidalgos Chimericos, com os seus pavões e as suas vestiduras de escarlate. Tito aproveitou a occasião para saber como é que o conheciam aquellas assanhadas raparigas. Encostou-se a uma cadeira e indagou da Utopia que se achava nesse lugar. Esta impetrou licença, e depois das formalidades do costume, retirou-se a uma das salas com o poeta, e abi perguntou-lhe:

— Pois deveras não sabes quem somos? Não nos conheces?

— Não as conheço, isto é, conheço-as agora, e isso dá-me verdadeiro pezar, porque quizerá te-las conhecido ha mais tempo.

— Oh! sempre poeta!

— E' que deveras são de uma gentileza sem rival. Mas onde é que me viram?

— Em tua propria casa.

— Oh!

— Não te lembras? A' noite, cansado das lutas do dia, recolhes-te ao aposento, e ahi, abrindo velas ao pensamento, deixas-te ir por um mar sereno e calmo. Nessa viagem acompanham-te algumas raparigas.... somos nós, as Utopias, nós, as Chimeras.

Tito comprehendeu a final uma cousa que se lhe estava a dizer ha tanto tempo. Sorriu-se, e cravando os seus bellos e namorados olhos nos da Utopia, que tinha diante de si, disse:

— Ah! sois vós, é verdade! Consoladora companhia que me distrahe de todas as miserias e pezares. E' no seio de vós que eu enxugo as minhas lagrimas. Ainda bem! Conforta-me ver-vos a todas de face e debaixo de fórma palpavel.

— E queres saber, tornou a Utopia, quem nos leva a todas para tua companhia? Olha, vê.

O poeta voltou a cabeça e vio a peregrina visão, sua companheira de viagem.

— Ah! é ella, disse o poeta!

— E' verdade. E' a loura Fantazia, a companheira desvellada dos que pensam e dos que sentem.

A Fantazia e a Utopia entrelaçaram-se as mãos e olhavam para Tito. Este, como que enlevado, olhava para ambas. Durou isto alguns segundos; o poeta quiz fazer algumas perguntas, mas quando ia fallar reparou que as duas se haviam tornado mais delgadas e vaporosas. Articulou alguma cousa; porém vendo que ellas iam ficando cada vez mais transparentes, e distinguindo-lhes já pouco as feições soltou estas palavras: — Então! que é isto? por que se desfazem assim? — Mais e mais as sombras desappareciam, o poeta correu á salla do jogo; espectáculo identico o esperava; era pavoroso; todas as figuras se desfaziam como se fossem feitas de nevoa. Atonito e palpitante, Tito percorreo algumas galerias e afinal sahio á praça; todos os objectos estavam soffrendo a mesma transformação. Dentro de pouco Tito sentio que lhe faltava apoio aos pés e vio que estava solto no espaço.

Nesta situação soltou um grito de dôr. Fechou os olhos e deixou-se ir como se tivesse de encontrar por termo de viagem a morte.

Era na verdade o mais provavel. Passados alguns segundos, Tito abriu os olhos e vio que cahia perpendicularmente sobre um ponto negro que lhe parecia do tamanho de um ovo. O corpo rasgava como raio o espaço. O ponto negro cresceo, cresceo, e cresceo até fazer-se do tamanho de uma grande esphera. A queda do poeta tinha alguma cousa de diabolica; elle soltava de vez em quando um gemido; o ar batendo-lhe nos olhos obrigava-o a fechá-los de instante a instante. Afinal o ponto negro que havia crescido, continuava a crescer, até apparecer ao poeta com o aspecto da terra. E' a terra! disse Tito comsigo.

Creio que não haverá expressão humana para mostrar a alegria que sentio aquella alma, perdida no espaço, quando reconheceu que se approximava do planeta natal. Curta foi a alegria; Tito pensou, e pensou bem, que naquella velocidade quando tocasse em terra seria para nunca mais se levantar. Teve um calafrio: vio a morte diante de si, e encommendou a alma a Deos. Assim foi, foi, ou antes, veio, veio, até que — milagre dos milagres! — cahio sobre uma praia, de pé, firme como se não houvesse dado aquelle infernal salto.

A primeira impressão, quando se vio em terra, foi de satisfação; depois tratou de ver em que região do planeta se achava; podia ter cahido na Siberia ou na China; verificou que se achava a dous passos de casa. Apressou-se o poeta a voltar aos seus pacíficos lares.

A vela estava gasta; a galga, estendida sobre a mesa, tinha os olhos fitos na porta. Tito entrou e atirou-se sobre a cama, onde adormeceu, reflectindo no que lhe acabava de acontecer.

Desde então Tito possui um olhar de lynce, e diz, á primeira vista, se um homem traz na cabeça miolos ou massa chimerica. Devo declarar que poucos encontra que não fação provisão desta ultima especie. Diz elle, e tenho razões para crer, que eu entro no numero das pouquissimas excepções. Em que peze aos meus desaffeiçãoados não posso retirar a minha confiança de um homem que acaba de fazer tão pasmosa viagem, e que pôde olhar de face o throno scintilante do rei das Bagatellas.

MACHADO DE ASSIS.



Por ser muito extenso, e cheio de annotações, o capitulo, que devia entrar neste numero, dos *Apontamentos Biographicos* de S. M. O Imperador do Brasil, pelo Exm. Sr. J. Pinto de Campos, a redacção foi forçada a interromper a publicação deste trabalho, que continuará no numero seguinte.

F. X. DE NOVAES.